Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Braziliense Class.: 50

Data: 21.09.80 Pg.:

Delegado põe mal a Funai

AVELINO DO VALE

O delegado da 2ª. Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, Paulo César de Abreu, não limitou-se a alertar a presidência do órgão para a iminência de um conflito entre os índios Gorotire e brancos com possibilidade de mortes, que acabou acontecendo no último dia 1º, deixando 20 brancos mortos, no município paraense de Conceição do Araguaia. E não apenas destruiu a ponte que liga a Fazenda Irmãos Coragem à Reserva dos índios Também.

A essas revelações que vêm surpreendendo os meios indigenistas e a direção da Funai, feitas pelo próprio delegado regional, foram acrescidas outras duas: ele ordenou o ataque a cerca de 300 garimpeiros que em agosto passado antecedeu a morte dos 20 brancos, e, antes, em junho, afirmou para os Gorotire que, se dentro de três meses a Funai não recomeçasse a demarcação de sua reserva, iriam armá-los e expulsar com eles os invasores. As duas atitudes de Paulo César de Abreu foram reveladas por ele mesmo, em seu gabinete na sede da 2ª.DR da Funai, em Belém. Sobre a promessa de apoio armado para expulsão dos invasores em junho, diante de Alceu Cotia e do agrimensor Sérgio de Campos, formadores de um Grupo de Trabalho do órgão enviados de Brasília, e sobre a ordem de ataque aos garimpeiros em agosto, diante de vários funcionários locais.

Ambas as revelações foram testemunhadas pelo sertanista José Porfírio de Carvalho, que ontem as denunciou em Brasília, ao **Correio Braziliense**, depois de fazê-lo a autoridades que por enquanto prefere não revelar quais são, em Belém, antes do conflito fatal do dia 1º deste mês. O sertanista pretende repeti-las no inquérito sobre o conflito em Gorotire, juntamente com a acusação de que "a falta de habilidade do delegado da Funai em conduzir a política indigenista na área sob sua jurisdição, somada à situação de invasão em que se encontram essas áreas indígenas, no Pará, e, ainda, à total incompetência do coronel Nobre da Veiga de gerir o órgão, foram as principais causas do desastre, dos mais lamentáveis, entre os Gorotire e brancos".

AS REVELAÇÕES

"No caso das mortes no Pará, a Funai foi advertida com antecedência, da possibilidade de vir a acontecer um conflito entre os índios Gorotire e invasores da área", afirma José Porfírio de Carvalho. "Eu, inclusive, presenciei um diálogo entre o 2º delegado regional" — explica o sertanista — "o antropólogo Alceu Cotia e o engenheiro Sérgio de Campos, quando foram ao Pará, em junho passado, fazer um levantamento sobre a situação da demarcação das áreas indígenas dos Kaiapó - Gorotire, Xikrin, Kuben-Krankren e Mekranotire. Na ocasião, ouvi o Sr. Paulo César de Abreu falar com os dois integrantes do Grupo de Trabalho da Funai que havia afirmado aos Gorotire, dias antes, que se a Funai dentro de três meses não recomeçasse a demarcação, ele, pessoalmente, iria armar os índios e expulsar os invasores. O engenheiro Sérgio de Campos criticou a posição tomada pelo delegado, pois colocava o GT em situação difícil, já que a finalidade de sua viagem a Gorotire não seria a de demarcar a reserva, mas sim fazer um levantamento da situação. Considerava Sérgio de Campos que a afirmação do delegado para os índios era muito perigosa e, diante disso, falou que não mais seria conveniente ir à área com Alceu Cotia, pois os índios estariam esperando o reinício da demarcação".

Porfírio de Carvalho, conta, ainda, que "em agosto, o Sr. Paulo César de Abreu afirmou, diante de vários funcionários da 2ª DR, que mandara os Gorotire atacarem cerca de 300 garimpeiros que estavam dentro da área indígena, dos quais tomaram armas, motos-bombas e munição". Os garimpeiros, conforme noticiado, foram expulsos pelos índios, sem que se registrassem feridos. Porfírio de Carvalho lembra, ainda, de que "o Sr. Paulo César de Abreu contava o fato como um grande feito. Eu o adverti para o perigo que isso representava, pois os índios, sentindo-se apoiados em ações desse tipo, poderiam vir a agir contra outros invasores e, face a qualquer reação, acontecerem mortes de ambos os lados".

O sertanista revela que compareceu diante de autoridades que, "por enquanto", prefere não revelar quais são, em Belém, à convite, tendo denunciado o que ouvira no gabinete do 2º delegado regional da Funai, chegando a alertá-las para a iminência de um choque entre índios e brancos, como acabaria por acontecer.

"A meu ver" — diz Porfírio de Carvalho —, "o Sr. delegado de polícia da cidade de Redenção, às proximidades de onde ocorreu o choque fatal, deveria intimar para deporem no inquérito que instaurou o Sr. Paulo César de Abreu e o coronel Nobre da Veiga. A bem da verdade, coloco-me à disposição de quaisquer autoridades para prestar esclarecimentos sobre o episódio".

José Porfírio de Carvalho, explica, ainda, que em junho, ao ouvir a primeira revelação do delegado regional da Funai no Pará, trabalhava para o órgão, com 11 anos de serviço, tendo sido demitido por Nobre da Veiga no dia 12 deste mês, em conseqüência de ter enviado-lhe telex solicitando a readmissão de três colegas demitidos dias antes, como presidente da Sociedade Brasileira de Indigenistas. Em agosto, ao ouvir a segunda revelação de Paulo César de Abreu, Porfírio de Carvalho buscava junto a ele a portaria mediante a qual fora demitido do órgão.